

8
04822
700110982

~~BIB. TO. CA
UNEVIAT~~

~~Campus Universitário - MT~~

~~RG Nº 10282~~

~~Data 16.10.104~~
~~domingo~~

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LER: UM ATO COMPLEXO

Sulamita Reis de Souza Oliveira

0481

Pontes e Lacerda – MT

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LER: UM ATO COMPLEXO

Ensaio monográfico de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Letras.

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade

Sulamita Reis de Souza Oliveira

Orientanda

Cleunice Maria de Andrade

Orientadora

Profª. Ms. Madalena Aparecida Machado

Coordenadora de Monografia

Ler é saber que o sentido pode ser outro.

(ORLANDI:1999)

*Ao meu pai, Paulo José de Souza, pelo
apoio em todos estes anos de curso;
A minha mãe, Lúdia Reis de Souza, pela
ternura e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e vontade de vencer e ainda porque estendeu-me as suas mãos, ajudando-me a atravessar as barreiras que encontrei pelo caminho.

Aos meus pais, pelo apoio dado, mesmo estando tão longe estiveram sempre ao meu lado.

Ao meu esposo Fábio, pela paciência e compreensão neste último ano.

À companheira Gisele, que sempre acompanhou-me em todos os momentos, tanto dentro quanto fora do espaço escolar.

À professora Cleunice, pela dedicação profissional.

E finalmente, a todos que direto ou indiretamente contribuíram para a minha trajetória acadêmica, compartilhando conhecimentos.

Sulamita

RESUMO

O presente trabalho mostra o resultado de uma pesquisa feita com professores de escolas públicas de Pontes e Lacerda sobre o posicionamento desses a respeito do fracasso da leitura.

As respostas dadas pelos professores foram analisadas à luz da teoria de estudiosos sobre o assunto, tais como: Freire, Cagliari, Juvêncio Barbosa, Emília Ferreira e outros.

Trataremos aqui da leitura enquanto atribuição de sentidos, bem como decodificação. Destacaremos ainda as implicações que a leitura apresenta na escrita.

O texto está assim estruturado: conceitos sobre leitura, leitura: decodificação ou atribuição de sentidos?, implicações da leitura para a/na escrita, análise das entrevistas à luz da teoria, considerações finais.

Julgamos que os questionamentos apresentados sobre o tema em questão são muito relevantes, no entanto não temos a intenção de dar nem uma receita pronta, mas cremos que o leitor não se decepcionará ao ler o nosso texto.

SUMÁRIO

I-	Apresentação-----	8
II-	Conceitos sobre leitura-----	9
III-	Leitura: decodificação ou atribuição de sentidos?-----	14
IV-	Implicações da leitura para a/na escrita-----	17
V-	Análise das entrevistas à luz da teoria-----	21
VI-	Considerações finais-----	27
VII-	Bibliografia-----	29
VIII-	Anexos-----	30

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo presente trabalho surgiu durante meu período de bolsista na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) que desenvolve um projeto em parceria com a UNEMAT, trabalhando com crianças consideradas carentes. Por diversas vezes questioneei o porquê da dificuldade de leitura de alguns alunos, o que causa um grande transtorno para a realização dos trabalhos que envolvam a leitura.

Inicialmente, enfrentamos dificuldades para a delimitação do tema, por se tratar de um assunto muito abrangente, conseguimos chegar ao nosso tema *ler: um ato complexo*.

Objetivamos com a pesquisa verificar como os professores do ensino fundamental desenvolvem o trabalho de leitura e como os mesmos vêem em sala de aula a “deficiência” do aluno no ato de ler.

Depois de delimitarmos o tema fizemos nossa pesquisa com uma professora e uma articuladora de escolas públicas da cidade de Pontes e Lacerda – MT. Elaboramos cinco questões dirigidas aos professores entrevistados afim de constatar como esses desenvolvem o ensino da leitura com seus alunos.

O nosso texto está assim estruturado: conceito sobre leitura, leitura: decodificação ou atribuição de sentidos?, implicações da leitura para a/na escrita, análise das entrevistas à luz da teoria de autores como: Márcia Abreu, Luiz Carlos Cagliari, Emília Ferreiro, Paulo Freire, Ângela Kleiman, Eni Pulcinelli Orlandi e outros.

Sabemos que toda leitura é polissêmica, mas mesmo assim colocamos o nosso trabalho à disposição do leitor para que tire suas conclusões a respeito do assunto que despertou e ainda desperta tanta inquietação.

CONCEITOS SOBRE LEITURA

O processo de leitura, principalmente no Brasil, acontece de uma maneira muito lenta. Ao se pensar em leitura, necessariamente, estamos falando no leitor, pois sem ele não existiria a leitura.

Segundo LAJOLO & ZILBERMAN, 1998 leitor e leitura, surgiram com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, *à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica e a emergência da idéia de lazer.*

Sabemos que a história do leitor principiou no século XVIII. No Brasil, só por volta de 1840 é que se começou a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. Nessa época já existiam a tipografia, as livrarias e bibliotecas, porém a escolarização era precária. Isso porque poucas pessoas tinham acesso às bibliotecas públicas e à escolarização.

A partir daí, as escolas começaram então, a dar a devida importância à leitura.

A seguir teceremos alguns comentários sobre o posicionamento de alguns teóricos sobre a concepção de leitura.

Vemos que a leitura é a compreensão dos fatos presentes no mundo e não só o que se consegue decodificar na palavra escrita. Entretanto, a escola não valoriza o que a criança sabe sobre o mundo, isto é, os conhecimentos prévios da criança não interessam para a escola. Essa instituição quer que a criança saiba decodificar sem erros a escrita proposta para a leitura.

Segundo Paulo Freire (1997), este é um processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

O que seria para Freire esta leitura de mundo? Para ele, *ao observarmos a natureza, os objetos que nos cercam, os lugares em que freqüentamos, o amadurecer dos frutos, estamos lendo, "os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu.* (1997, p.13).

Podemos nas entrelinhas desse trecho que Freire declara que aí estão os conhecimentos sobre o mundo.

A leitura do mundo, feita na maioria das vezes por crianças, através de intensa observação, de modo natural, isto é, este ato faz parte do seu mundo. Paulo Freire relata que aprendeu a decifrar as palavras, usando a “leitura” do seu mundo particular, que não era algo supostamente dado a ele.

Freire afirma que foi aproveitando aquilo que ele já conhecia, as coisas, os objetos que ensinaram-lhe a palavra escrita. Com isso vemos que *a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele* (1997, p.11).

Isso posto significa dizer que a leitura de mundo e a leitura da palavra são interdependentes.

Maria Helena Martins, afirma que o ato de ler vai além da escrita, podemos ler a mão, o olhar de alguém, ler o tempo e o espaço e até mesmo um objeto.

Às vezes lemos um texto escrito, superficialmente, sem prestar nenhuma atenção e isso não passa apenas de uma decifração de sinais, pois por não compreendermos o que está escrito quer dizer que não fizemos uma leitura.

A compreensão e o sentido ao que e a quem nos cerca é um dos primeiros passos para aprender a ler, isso quer dizer que aprendemos a ler sozinhos, pois observamos tudo desde que nascemos.

Martins (1994) discorda da opinião de alguns pesquisadores da linguagem que afirmam que aprendemos ler lendo. Para ela aprendemos a ler vivendo.

A partir deste pressuposto percebemos que a vivência com o mundo é a melhor maneira para a concepção da leitura. Nas palavras da referida autora: *certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valoriza-lo para poder ir além dele.* (Martins, 1994, p.15).

Além de ressaltar que a vivência de mundo é importante para o leitor, Martins ainda argumenta que é preciso também que se saiba o significado da palavra escrita.

A partir desse contexto Martins defende que a maneira mais fácil de aprender ler é quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e o que está sendo lido e a partir desse contexto o leitor deverá tentar resolver os problemas que lhe são apresentados.

Para alguns leitores o processo de cognição da leitura torna mais difícil, pois existe uma grande carência social e as condições de sobrevivência material e cultural são precárias.

Na concepção de Emília Ferreiro (2000), no ato de ler a deficiência não caracteriza um problema apenas para as pessoas carentes. Vários são os fatores que contribuem para isso. A título de exemplificação: a escola, concebida como uma máquina de reprodução através das relações de poder, e o professor, que é mal pago, e às vezes, mal formado.

Para a pessoa carente mesmo em seu mundo “pequeno,” e frente à realidade vivenciada, existe uma leitura. Isto significa dizer que a vida que o cerca significa algo, tem um sentido, ela deve ver e entender o que se passa em sua volta e isso já constitui uma leitura. Segundo Martins isso quer dizer a relação entre o lido e as experiências do leitor.

Orlandi (1999) também afirma que *a leitura, deve ser vista em sua acepção mais ampla, e ser entendida como atribuição de sentidos.*

Essa atribuição de sentidos tem a ver com significação, ou seja, se tudo visto pelo homem significar, isto é uma leitura. A leitura, nesse sentido, pode ser tanto na escrita como na oralidade.

Quando conversamos com alguém, e entendemos o que este está falando, quando lemos e compreendemos o que ali está posto, estamos fazendo leitura, e através dessa adquirimos conhecimentos sobre o mundo.

A leitura para Eni Orlandi se resume em interpretação e compreensão de tudo aquilo que se pode dar e ter sentido.

A escola na maioria das vezes não dá importância para aquilo que a criança já sabe, e como já dissemos a leitura de mundo é muito importante independente do nível social.

Cagliari apresenta um posicionamento bastante divergente. Para ele é *muito mais importante saber ler do que escrever* (Cagliari, 1997, p.148). A afirmação do autor parte do pressuposto de que o objetivo da escrita é a leitura, pois quem escreve, escreve para ser lido.

De acordo com Cagliari ler é um processo de descoberta. É como a busca do saber científico, requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador semelhante à pesquisa laboratorial. Entretanto ele defende que a leitura também pode ser superficial, isto é, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica.

Como podemos observar há na afirmação de Cagliari, duas vertentes para a leitura: que pode ser aquela que se tem muito interesse de aprendizado, de querer ir a fundo no que se trata, de ter uma boa compreensão e entendimento do que se está lendo. A outra leitura, é a superficial, para a qual os leitores não se importam com o significado da leitura que se lê, pode ser definido apenas como uma decodificação dos sinais gráficos.

Nesse sentido a leitura é uma atividade individual e cada pessoa lê e entende de uma maneira. *As pessoas que não lêem são vazias de conhecimentos* (Cagliari, 1997, p.150).

A assertiva superior provoca uma inquietação: se as pessoas que não lêem, são vazias de conhecimentos, isso significa pressupor que a leitura de mundo não é muito importante.

Na concepção do referido autor a experiência de vida pode até significar algo, mas não é o suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral.

Para Cagliari (1997) *a leitura é uma decifração e uma decodificação*, isso quer dizer que se deve decifrar a escrita, entender a linguagem encontrada, decodificar a idéia contida no texto. Em outras palavras: refletir e formar um próprio conhecimento do que foi lido.

Diante disso, a leitura só funciona adequadamente se houver a decifração, a decodificação e demais componentes referentes à interpretação e assim, haverá um grande interesse por leitura.

Percebemos que a leitura tem uma forte ligação com a representação gráfica dos signos, porém, o ato de ler vai além, é preciso também que se tenha um bom conhecimento cultural, filosófico, ideológico, para que se obtenha uma boa leitura, isto é, que se atribua sentido ao que lê.

A partir do conhecimento que o leitor já tem adquirido é que ele faz uma boa leitura, pois cada pessoa pode interpretar um mesmo texto de maneiras diferentes, conforme a sua bagagem. Observamos que Cagliari não se posiciona contrariamente aos teóricos aqui citados. No entanto, ele também não concorda plenamente com a concepção defendida por eles sobre o conceito de leitura.

Para ele é necessária a escrita e a interpretação do que está posto no texto escrito, o conhecimento de mundo só nos proporciona diferentes interpretações para o que está sendo lido.

Em suma, acreditamos que a leitura abrange toda forma de conhecimento e é necessária para que a pessoa sobressaia no mundo.

LEITURA: DECODIFICAÇÃO OU ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS

O que vem então de fato ser leitura? É necessário que se saiba a escrita ou apenas compreender o mundo?

Como já dissemos a fala e a escrita elas estão lado a lado, nesse sentido, não existe uma sem a outra.

E no processo de alfabetização existe de uma maneira mais forte a ligação entre leitura e escrita, pois se faz necessário que se haja uma codificação do oral para se escrever, e a decodificação da escrita para que se leia.

Como vimos no primeiro capítulo, a leitura para Cagliari é uma decifração e uma decodificação, entretanto, muitos não lêem nada porque não conseguem decifrar os sinais gráficos para terem uma leitura de textos lineares.

Todavia, se olharmos para o que Cagliari nos relata sobre a leitura, podemos dizer que esta é linear e não se realiza sem que haja a interpretação do significado da leitura.

Podemos analisar segundo as afirmações já feitas pelo referido autor que decodificação e atribuição de sentidos caminham juntos. É preciso que decodifique o que está posto para depois compreender e dar sentido ao texto que se esteja lendo.

Entretanto, para que haja a compreensão não é necessário que se decodifique todos os sinais escritos, os sinais desconhecidos podem ser ignorados pelo leitor, desde que as demais palavras lhe passe o entendimento do texto.

Ainda segundo Cagliari (1997), quando se lê seguindo este método, procura-se a idéia principal pelo sentido literal e seus desdobramentos.

Vemos aqui que o objetivo não é necessariamente decifrar a escrita, mas dar sentido à mesma.

A leitura então pode ser vista como o ato de percorrer com a vista o que está escrito, proferindo ou não.

Ler seria, então, uma atividade essencialmente individual, que exigiria fundamentalmente a capacidade de decifrar um código.(Abreu, 1995, p.7).

De acordo com essa afirmação, dizemos que pouco interessa a forma do texto, o conteúdo e o que o sujeito pensa a respeito? Evidente que não, pois

observamos que existem milhares de pessoas que conhecem o código, mas não são capazes de lê-lo, tornando-se assim *analfabetos funcionais*.

Como já observamos anteriormente Ligia Chiappini apud Abreu (1995), separa a leitura de classes populares e classes dominantes. Posicionando-se com duas vertentes: a leitura que se faz necessária para o cotidiano e a leitura apenas como forma de lazer.

Com esta posição de Ligia, observamos que ela se desvia muito dos teóricos que acreditam na leitura como *leitura de mundo*, ela sustenta uma posição que prefere ver a leitura com habilidade simples de decodificação da letra do texto, como sendo mais fundamental ao cotidiano das classes populares.

Se, por um lado, sublinhar excessivamente a leitura como conceito amplo, de interpretação do mundo, do outro e de si próprio, como construção de um sentido, pode levar a conceber o texto como puro espírito, por outro lado, sublinhar excessivamente a leitura como decodificação da letra pode levar a conceber o texto como puro corpo. O corpo, para as classes trabalhadoras; o espírito, para as classes bem pensantes.(Abreu, 1995, p.54).

Nessa afirmação Abreu questiona por que só a elite tem direito de ver o mundo e vivê-lo e a classe popular tem que se ater em apenas decodificar os signos como nos relata Ligia?

Estes dois conceitos de leitura não vêm para separar as classes, e dar direito de ver o mundo a uma e a outra não, é que muita das vezes até o direito de decodificar os signos é negado às classes populares, então como poderiam ver o espírito do texto?

As escolas, ou melhor, algumas escolas tendem a ensinar aos alunos apenas a decodificar as letras, sendo que ela poderia mesmo com os poucos recursos que lhe são dados, viabilizar o conhecimento da cultura dominante, e através destes atribuir sentidos aos textos.

Estes diriam, pois, que através da leitura se tem acesso ao saber, e pelo domínio do saber se pode explicitar os mecanismos do funcionamento da sociedade. Digamos que as duas coisas acontecem: aumenta a autoridade do Estado mas, ao mesmo tempo, se cria a possibilidade da consciência crítica Orlandi apud (Abreu, 1995, p.63).

O fato de algumas escolas trabalharem com os seus alunos apenas a decodificação se atribui ao medo de que seus alunos se tornem pessoas críticas

com um conhecimento cultural formado, para assim saberem defender os seus direitos.

Mas o que seria de fato a leitura enquanto decodificação ou atribuição de sentidos? Apenas decodificar as letras e não conseguir compreender os sentidos? Ou decodificar os sinais gráficos e compreender o sentido do texto? Cagliari diz que:

O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. Ele sabe somar, dividir, etc., mas ao ler um problema não sabe o que fazer com os números...de fato ele não entende mesmo é o português que lê...tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver (1997, p.148,149).

Nesta afirmação vemos claramente que compreender, atribuir sentidos é muito importante para que se adquira a leitura, pois se lermos qualquer texto, literário ou não, e não conseguirmos transmitir o entendimento, fizemos ou não leitura? Segundo o que Cagliari nos afirma acima a resposta seria não.

Continuando nesta mesma linha de pensamento, Orlandi(1999) concebe a leitura como atribuição de sentidos, isto é, interpretação e compreensão, tanto escrita quanto da oralidade.

Segundo Cagliari (1997) a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação - o processo de decifração pressupõe não só tudo o que se disse a respeito da escrita: o que é, para que serve, como funciona, o que a ortografia etc., como também exige que o leitor, faça a análise da escrita, remeta isso para o cérebro e assim, compreenda o texto programado em muitos aspectos.

De acordo com as afirmações feitas pelos teóricos, podemos dizer que a leitura necessita muito da decifração da escrita, entretanto se houver apenas a decifração da escrita não haverá leitura, é necessário decifrar e compreender, o que está posto.

IMPLICAÇÕES DA LEITURA PARA A/NA ESCRITA.

No capítulo anterior vimos que através da leitura o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois ao saber ler, ele é capaz de ter acesso aos saberes acumulados pela humanidade através da escrita, e a partir dessa, ele pode construir, ou melhor, produzir o seu aprendizado próprio.

Nessa perspectiva vemos que entre o indivíduo e a leitura, está interposta a escrita. Segundo José Juvêncio Barbosa, *um saber considerado pré-requisito para que o indivíduo possa ler: é a língua escrita.* (1990, p.18).

Quando o leitor se torna portador do conhecimento da relação entre o oral e a escrita, ele se torna capaz de ler.

A invenção da escrita é apenas um processo histórico de um sistema de representação, não um mecanismo de codificação, todavia, nós, usuários da língua escrita, entendemos este como um sistema de codificação.

Por essa razão Emília Ferreiro afirma *que não deveria existir dificuldade para aprender a ler, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual.* (2000, p.15).

Ainda em referência à dificuldade em leitura Ferreiro afirma que, isso acontece principalmente na fase da alfabetização, período em que os sinais gráficos são transformados em sinais sonoros.

Na concepção da referida autora, ler é sonorizar a escrita. Nesse sentido, a leitura e a escrita caminham juntas, uma vez que ambas estão interligadas.

Juvêncio (1990) afirma que a partir do momento em que o aluno é alfabetizado com as técnicas de transformar sinais gráficos em sinais sonoros, ele consegue identificar cada palavra escrita, mesmas aquelas cujos significados não conheça.

De acordo com os teóricos citados neste capítulo, leitura e escrita caminham juntas, e a leitura provém da escrita e é através da escrita que adquirimos a leitura.

Contrariando Juvêncio e Ferreiro, Abreu (1995) afirma que *ler e escrever constituem atividades distintas.*

No sentido acima exposto, vemos que leitura e escrita são independentes, pois não é necessário que se saiba escrever para ler, isto é, uma não depende da outra.

Corroborando com a teoria de Abreu, Orlandi (1993, p.89) afirma que *a leitura é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita*. Ainda segundo a referida autora não há uma relação automática entre leitura e escrita, porque uma pessoa pode ler muito e não escrever bem e vice-versa.

Como podemos observar é difícil dar uma afirmação correta de qual a relação existente entre leitura e escrita, se uma está ou não ligada à outra.

Se estão ligadas ou não, é preciso que nos demos conta de que a leitura e a escrita fazem parte de nossas vidas, isto é, ao nosso dia-a-dia.

Podemos caracterizar a leitura como algo de valor social, a qual se faz necessária para quase todas as situações do nosso cotidiano.

Segundo Haquira Osakabe apud Márcia Abreu (1995, p.20) ler e escrever são valores familiares que correspondem, na verdade, a um valor social. Esse valor é um valor de produtividade que afirma o sujeito e lhe franqueia a diversidade de conhecimento.

Se o indivíduo de uma determinada sociedade não sabe ler e nem escrever, ele é desmerecido e não é considerado como tal, é visto como um inútil.

Para que este saiba ler e escrever é preciso que alguém ensine, e isto do ponto de vista social, é uma obrigação das escolas, portanto, muitas crianças saem da escola sem saber ler.

As pessoas, em geral, têm muita dificuldade com a escrita, e para que haja leitura é necessário a decifração da escrita, tanto para a leitura visual, falada ou silenciosa.

Segundo Cagliari (1997, p.158) se escrevermos com caracteres japoneses, gregos ou cirílicos, não será possível alguém ler o texto se não for capaz de decifrar a escrita.

Diante desta concepção, notamos que mesmo se colocarmos os olhos em um texto que já conhecemos e não conseguimos decodificar a escrita, não conseguimos fazer leitura.

A concepção acima é defendida por Cagliari, que considera a escrita como condição necessária para que se obtenha a leitura.

Infelizmente no país em que vivemos a leitura não é um privilégio para todos, geralmente quem tem mais acesso são as classes dominantes.

A seletividade produzida pelo fracasso escolar endossa o papel da escola como reprodutora do sistema social. O processo seletivo os interesses das classes dominantes, representar as experiências e a cultura das classes dominantes, utilizar o código elaborado da classe dominante e incorporar pressupostos ligados às práticas e expectativas das classes dominantes. Carraher e Scherimann (1982) apud (MOLL, 1996, p.35).

As classes mais pobres consideram o acesso a leitura como uma elaboração de sua própria cultura e também como se suas condições sociais sofressem uma transformação.

Todavia, essas classes populares que são as mais pobres, se aderem à leitura para atender às exigências feitas pelas classes dominantes.

Magda Becker apud Abreu (1995) afirma que *essa necessidade pela leitura vem pelo fato de que esta classe, a popular, precisa saber ler para arranjar serviço, para saber onde pode entrar ou não, para não precisar que os outros leiam as cartas que a gente recebeu, para entender documentos e não ser enganados.*

Observamos que para esta leitura necessária é fundamental a presença da escrita. Vemos que na maioria dos casos de leitura, a escrita se faz necessária.

Para as classes dominantes a leitura atua apenas como forma de lazer, isto é, para que as pessoas adquiram novos conhecimentos e integrem melhor no mundo.

A escola muitas vezes dá mais valor à leitura da classe dominante, pois alguns professores querem nivelar a leitura dos alunos. Não consideram, por exemplo, que o aluno de classe mais privilegiada tem melhores condições de contato com a escrita e desprezam a leitura de mundo que o aluno de classes populares traz de seu convívio.

A grande maioria das escolas não atribui aos alunos de baixa renda o privilégio de se achegarem aos livros. Os professores muitas vezes não trabalham textos com os alunos e nem dão a eles oportunidades de acesso às bibliotecas.

Estudos mostram que a leitura tem sido um privilégio das classes dominantes, e é o conceito de leitura dominante entre essas classes que impera na escola (Abreu, 1995, p.51).

Por mais que a leitura seja um privilégio das classes dominantes, o importante seria que todos buscassem esse saber, porque as experiências vivenciadas na maioria das vezes, comprovam que é muito mais importante ler do que escrever.

Segundo Cagliari (1997) observamos em nossa sociedade que existem muitas pessoas que vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Elas não sabem escrever mais lêem muito bem. O inverso também é verdadeiro.

Será que se pode aprender a ler antes de aprender a escrever? Será que se pode aprender a ler sem aprender a escrever?

Cagliari (1997, p.168) afirma que *aprender a ler é mais fácil do que aprender a escrever*. E como já vimos o objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita.

ANÁLISES DAS ENTREVISTAS À LUZ DA TEORIA

Sabemos que a leitura em nosso País tem sido trabalhada de modo mecânico sem a preocupação com a formação de um leitor crítico.

Diante desta preocupação, buscarei saber de alguns professores quais são as suas concepções de leitura, e também como a mesma está sendo trabalhada com alunos que apresentam “deficiência” na/para a leitura.

Inicialmente pretendíamos realizar a nossa pesquisa com 06 (seis) professores e 06 (seis) articuladores (profissionais qualificados para trabalhar com alunos que apresentam problemas na aprendizagem) de escolas públicas da cidade de Pontes e Lacerda - MT., entretanto, nem todos os profissionais quiseram responder as perguntas sugeridas.

Distribuímos o questionário a todos eles, no entanto só conseguimos obter respostas de 02(dois) professores e 02(dois) articuladores. As respostas obtidas dos professores e articuladores foram muito semelhantes, por esta razão estaremos utilizando uma de cada segmento para esta análise.

Ao entrevistar os dois profissionais pude perceber que tanto a professora, quanto a articuladora, fazem quase as mesmas argumentações quanto a “deficiência” de leitura do aluno. Percebemos que ambas vêem a “deficiência” da leitura por um prisma muito amplo que também é visto por muitos autores e estudiosos que vêem a leitura com muita complexidade.

A primeira pergunta foi a seguinte: A que você atribui a “deficiência” de leitura do aluno?

A resposta da professora foi a seguinte:

É comum se ver alunos na 5ª, 6ª séries com “deficiência” na leitura. Geralmente estes alunos foram podados na alfabetização ou passou por algum constrangimento e perdeu o gosto pela leitura, não teve incentivo da família e nem recursos.

Notamos que para esta professora, é muito importante a fase em que a aluno está começando a aprender a ler, que são seus primeiros anos na escola. Se estes não forem bem trabalhados e não realizados de forma animadora e prazerosa, os constrangimentos podem fazer com que se perca o gosto pela leitura.

A falta de recursos também é visto como um fator importante para essa “deficiência”, como também afirma Cagliari (1997):

Sendo de um meio social pobre, não lê do mesmo jeito que uma criança de um meio social rico; nenhuma delas provavelmente lerá da mesma maneira que a professora. Também aqui não se deve concluir que uma lê mal; todas lêem de maneiras diferentes.

O meio social em que se vive influencia muito na maneira em que se lê, e também na iniciação pelo gosto de leitura, como podemos observar na fala da articuladora: *São vários aspectos que atribui a deficiência do aluno como a falta de interesse, estruturação familiar, falta auto - estima, amor etc.*

Ao atribuir ao aluno a falta de interesse pela leitura, cremos que um pouco seja culpa do professor, pois acreditamos que ele é quem deveria, no seu papel, estimular o aluno para o ato de ler. O primeiro passo seria proporcionar condições para que o aluno pudesse aumentar sua auto - estima.

Como observamos na fala das referidas profissionais, a estrutura familiar influencia sobremaneira no desinteresse pela leitura.

Muitas vezes os pais não vivem num meio em que a leitura faça parte do seu cotidiano, e a criança convivendo junto, é obvio que também ficará desinteressada se não houver incentivo dos pais.

Entretanto, a carência influencia muito para que isso aconteça, segundo afirma Martins (1994, p.18):

Carentes de convívio humano ou com relações sociais restritas, quando suas condições de sobrevivência material e cultural são precárias, reprimindo também suas expectativas, as pessoas tendem a ter sua aptidão para ler igualmente constrangida. Não que sejam incapazes (salvo pessoas com graves distúrbios de caráter patológico). A questão aí está mais ligada às condições de vida, a nível pessoal e social.

Entretanto, mesmo que encontrados tantos fatores que acarretam a “deficiência” na/para a leitura, a professora apresenta uma sugestão:

Mas suponho que ao invés de ficarmos procurando o culpado, precisamos resgatar nesses alunos o gosto pela leitura logo que percebemos o problema, pois muitas vezes o aluno não sabe decodificar, mas tem uma rica leitura de mundo.

Podemos notar na fala da professora, que para ela a leitura de mundo é muito importante. A opinião da professora é defendida por vários teóricos citados anteriormente. Os quais defendem que a leitura de mundo é mais importante que a decodificação.

A segunda questão dirigida aos profissionais foi a seguinte: Qual o método que você utiliza para trabalhar com alunos que apresentam “deficiência ” na leitura?

A resposta da articuladora foi a seguinte:

Na superação da leitura costuma trabalhar com situações lúdicas, utilizando jogos e materiais diversificados como dominó, carimbo, livros de historinhas, gibis, recorte de palavras ou desenho, fichas de leitura de pequeno texto e também gosto de trabalhar formando pequenos grupos, porque muitas vezes a criança tem mais facilidade para entender o que outra criança explica (fala).

Creemos que quando o aluno apresenta uma deficiência na leitura e esta já foi detectada pelo professor, acredita-se que este precisa trabalhar de uma maneira específica com o mesmo.

O método usado pela articuladora para incentivar à leitura é muito eficaz se comparado com o método utilizado entre os antigos que segundo Martins (1994, p.23) era:

O aprendizado se baseava em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo progresso passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar; por fim, decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos.

O método citado por Martins não é nem um pouco animador. Apesar da articuladora afirmar que ensina de uma maneira bem lúdica, as coisas hoje não são muito diferentes de antigamente. Em pleno século XXI, muitos educadores ainda utilizam a prática formalista e mecânica, em que aprender a ler se resume a decorar os signos lingüísticos.

A professora não propõe uma sugestão para se trabalhar com alunos com “deficiência” na leitura, pois ela acredita que não existe um método em particular para se trabalhar com esses alunos, porque cada um tem uma história de vida diferente.

Diante dessas afirmações feitas pelas profissionais sobre o método de trabalho, Maria Helena Martins afirma que:

Por mais que doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Perguntamos ainda aos professores, quais as implicações da leitura na escrita.

Obtivemos uma resposta bastante significativa da articuladora com relação a pergunta dirigida a ela: *As implicações de leitura na escrita ela implica em vários fatores, pois quem não lê, mal ouve, mal vê, mal fala e mal escreve.*

Realmente no nosso dia-a-dia, podemos perceber que as pessoas com dificuldades na leitura e na escrita não têm facilidade para se comunicar. Como vimos anteriormente entre o indivíduo e a leitura está interposta a escrita, e a mesma é um pré-requisito para que o indivíduo leia.

Entretanto, nas escolas se dá mais ênfase à escrita do que à leitura. Acreditamos que isso ocorra pelo fato de ser mais fácil corrigir os erros e acertos da escrita, e não saber muito bem o que o aluno faz quando lê.

As palavras de Cagliari (1997, p.167) vêm reforçar a nossa afirmação: *o privilégio da escrita sobre a leitura na escola se deve a essa maior facilidade de avaliação escolar.*

Diante da preocupação quanto à “deficiência” do aluno na leitura e quais os problemas que isso acarreta, foi perguntado aos professores, como o aluno com “deficiência” se comporta frente às atividades que envolvam leituras.

A articuladora nos deu a seguinte resposta: *A criança se vê diante de uma situação constrangedora, porque muitas vezes ela não tem domínio da leitura para desenvolver determinada atividade que está sendo proposta.*

A professora aponta uma sugestão para que não haja constrangimento do aluno nas séries posteriores:

Como já abordei anteriormente essa dificuldade deve ser trabalhada logo que percebemos, porque quanto mais elevada a série, maior é o desinteresse do aluno, pois ele não consegue entender as atividades propostas e acaba desistindo.

O constrangimento principalmente das crianças é um fator que faz com que as pessoas desistam dos seus objetivos e metas, porém, na escola este constrangimento acaba levando ao fracasso escolar, que muitas vezes é a desistência do aluno.

De acordo com Cagliari (1997) pode se atribuir também ao fracasso escolar ora ao aluno, visto como um ser incapaz, carente cheio de deficiência, ora ao professor. Por isso, é muito importante que este último conheça um pouco melhor a escola sua relação com a sociedade, bem como os cidadãos que fazem parte do contexto escolar. Em outras palavras: a realidade vivenciada pelos alunos.

Mediante às respostas dadas pelos profissionais para se trabalhar a leitura, e a dificuldade que os alunos têm para se aderirem a mesma, dedicamos aos profissionais, um espaço aberto, na última pergunta, para que eles apresentassem sugestões de como trabalhar com alunos que apresentam “deficiência” na leitura.

Obtivemos da professora a seguinte resposta:

Hoje as escolas dispõe de recursos para solucionar ou diminuir esses problemas, que são articuladores e horas atividades.

Supõe-se que se usarmos devidamente esses recursos o índice de alunos com esse problema com certeza será bem menos.

De acordo com a assertiva da professora vemos, principalmente no Estado de Mato Grosso, que recursos existem, no entanto o problema em relação à leitura ainda persiste. E isso reforça a nossa inquietação: O articulador seria capaz de resolver um problema de tamanha complexidade? O professor em suas horas atividades trabalha com alunos que apresentam “deficiência” na leitura?

Creemos que se as indagações acima fossem respondidas afirmativamente não teríamos mais alunos com “deficiência” na leitura, isso porque horas atividades e articuladores existem em Mato Grosso pelo menos há seis anos. Isso posto, significa dizer que, pelo menos os alunos que estão hoje na sexta série não deveria apresentar “deficiência” para ler.

Os professores às vezes sabem colocar no papel tudo aquilo que fazem ou gostariam de fazer para ajudar aos alunos, mas não é isso que muita vezes acontece na prática.

Como afirma Cagliari (1997) *é necessário que os órgãos responsáveis pela Educação tenham assessorias técnicas lingüísticas para auxiliar de fato o professor, dando-lhe o suporte técnico-científico que as escolas de formação abandonaram ou substituíram por conteúdos vazios.*

A má formação de professores contribui muito para formação de maus leitores, pois até mesmo os educadores não se aderem ao gosto pela leitura.

A articuladora apresenta sugestões que consideramos boas para se ensinar hábitos de leitura.

Há uma série de condições necessárias para bom desenvolvimento da leitura, portanto qualquer meio escolhido para trabalhar com criança, deve-se partir do conhecimento da criança e propor situações abertas que lhe favoreça condições de observar e avaliar a aprendizagem e também o comportamento global da criança. Por exemplo se utilizarmos atividades com jogos, poderá deixar a criança mais à-vontade, permitindo-lhes expressar-se de forma mais livre e agradável.

Acreditamos que a articuladora foi muito feliz em ressaltar a liberdade para que a criança sozinha consiga se desenvolver usando a sua própria criatividade.

As palavras de Martins vêm consolidar tal afirmação:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta (MARTINS, 1994, p.34).

Como afirmamos em várias citações, o conhecimento que a pessoa já tem adquirido é muito importante e não se deve podar.

Observar o desenvolvimento da criança é essencial para que ela tenha um bom aprendizado da leitura.

Tanto a leitura de mundo, quanto a escrita é essencial para que o indivíduo futuramente não encontre dificuldades na leitura que é bastante necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste dissemos que nosso objetivo era mostrar como tem sido trabalhada nas escolas a deficiência de leitura dos alunos do ensino fundamental em escolas públicas de Pontes e Lacerda.

De acordo com a pesquisa realizada, percebemos que os professores entrevistados têm uma preocupação muito grande com a leitura. Ambos afirmam que para que haja êxito no trabalho com a leitura precisamos incentivar o gosto pela mesma.

Segundo uma das entrevistadas o problema maior da deficiência da leitura está na mal alfabetização. Isso comprova as idéias defendidas pelos autores pesquisados. Para eles o maior investimento da educação deveria ser voltado para essa fase do aprendiz.

Na opinião da professora os alunos estão chegando até à sexta série sem saber decodificar a palavra. Como já dissemos ela atribui isso ao fracasso da alfabetização.

O Estado de Mato Grosso implantou em 1997 um sistema de ensino chamado Escola Ciclada, o qual de acordo com pessoas ligadas à educação, foi muito mal interpretado por alguns profissionais deste setor, no item que fala sobre retenção. Cremos que isso tenha sido um dos fatores que contribuíram para o fracasso na/da leitura, pois temos hoje alunos que realmente não conseguem sequer decodificar as palavras, mas têm um vasto conhecimento do mundo.

O referido sistema apresentou algumas inovações para a educação: uma delas foi a presença de pessoas qualificadas para desenvolver o apoio pedagógico de reforço aos alunos com dificuldades de aprendizagem- os articuladores. Há também conforme citou a professora entrevistada as horas de trabalho pedagógico (horas atividades) – período em que os professores trabalham com os referidos alunos. Isso leva-nos ao seguinte questionamento: ou tais recursos são insuficientes ou o trabalho não está sendo feito como deveria ser.

Um fato interessante citado pelas entrevistadas foi a falta de interesse do aluno pela leitura. Na opinião delas isso ocorre pela falta de estrutura da família, no sentido de apoio aos filhos e também pela baixa auto-estima dos alunos.

Acreditamos que esses fatores realmente são relevantes, no entanto, cremos que os professores deveriam buscar meios para incentivar o maior gosto

pela leitura e também métodos para levantar a auto-estima dos discentes que apresentam tais problemas. Nossa sugestão é que os mesmos procurem ajuda de pessoas especializadas.

Em relação às atribuições do Estado, entendemos que o mesmo deveria investir mais recursos na formação de bibliotecas e de profissionais habilitados para a função de bibliotecários e ainda equipar as escolas com salas específicas para o trabalho com a leitura.

BÍBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia.** *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- BARBOSA, José Juvêncio** – *Alfabetização e leitura*, São Paulo: Cortez, 1990.
- CAGLIARI, Luiz Carlos.** *Alfabetização e lingüística*. 10 ed. São Paulo: Scipicione, 1997.
- FEREIRO, Emília** – *Reflexões sobre a alfabetização*: tradução Horácio Gonçalves (et. al.) 25 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo.** *A importância do ato de ler*. 25 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KLEIMAN, Ângela.** *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6 ed. Campinas: Pontes, 1998.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina.** *A formação da leitura no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MARTINS, Maria Helena.** *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli.** *Discurso e Leitura*. 4 Ed. Campinas: Cortez, 1999.

ANEXOS

ENTREVISTA COM A ARTICULADORA

1- A que você atribui a “deficiência” de leitura do aluno?

R: São vários aspectos que atribui a deficiência do aluno como a falta de interesse, estruturação familiar, falta auto estima, amor etc.

2- Qual o método que você utiliza para trabalhar com alunos que apresentam “deficiência” na leitura?

R: Na superação de leitura, costuma trabalhar com situações lúdicas, utilizando jogos e materiais de histórias, gibis, recorte de palavras ou desenho, fichas de leitura de pequeno texto e também gosto de trabalhar formando pequenos grupos, porque muitas vezes a criança tem mais facilidade p/ entender o que outra criança explica (fala).

3- Quais as implicações da leitura na escrita?

R: As implicações de leitura na escrita ela implica em vários fatores, pois quem não lê, mal ouve, mal vê, mal fala e mal escreve.

4- Como o aluno com “deficiência” se comporta frente às atividades que envolvam leituras?

R: A criança se vê diante de uma situação constrangedora, porque muitas vezes ela não tem domínio da leitura p/ desenvolver determinada atividade que está sendo proposta.

5- Espaço aberto para sugestões de como trabalhar com alunos que apresentam “deficiência” na leitura?

R: Há uma série de condições necessárias p/ bom desenvolvimento da leitura. Portanto qualquer meio escolhido para trabalhar c/ criança, deve-se partir do conhecimento da criança e propor situações abertas que lhe favoreça condições de observar e avaliar a aprendizagem e também o comportamento global da criança. Por exemplo se utilizarmos atividades com jogos, poderá deixar a criança mais a vontade, permitindo-lhes expressar-se de forma mais livre e agradável.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- 1- A que você atribui a “deficiência” de leitura do aluno?
- 2- Qual o método que você utiliza para trabalhar com alunos que apresentam “deficiência” na leitura?
- 3- Quais as implicações da leitura na escrita?
- 4- Como o aluno com “deficiência” se comporta frente às atividades que envolvam leituras?
- 5- Espaço aberto para sugestões de como trabalhar com alunos que apresentam “deficiência” na leitura?

Respostas:

É comum se ver alunos na 5ª, 6ª séries com “deficiência” na leitura. Geralmente esses alunos foram podados na alfabetização ou passou por algum constrangimento e perdeu o gosto pela leitura, não teve incentivo da família e nem recursos.

Mas supomho que ao invés de ficarmos procurando o culpado precisamos resgatar nesses alunos o gosto pela leitura logo que percebemos o problema, pois muitas vezes o aluno não sabe decodificar, mas tem uma rica leitura de mundo.

Eu acredito que não tem um método em particular para se trabalhar com esses alunos, até porque cada um tem uma história de vida diferente.

Como já abordei anteriormente essa dificuldade deve se trabalhada logo que percebemos, porque quanto mais elevada a série maior é o desinteresse do aluno, pois, ele não consegue entender as atividades propostas e acaba desistindo.

Hoje as escolas dispõe de recursos para solucionar ou diminuir esses problemas, que são articuladores e horas atividades.

Supõe-se que se usarmos devidamente esses recursos o, índice de alunos com esse problema com certeza será bem menor.